



ANTROPONÍMIA E IMIGRAÇÃO: OS NOMES DE BRASILEIROS DESCENDENTES DE LITUANO

Márcia Sipavicius Seide (UNIOESTE)

Marcia.Seide@unioeste.br

RESUMO: Este artigo foca os antropônimos dos descendentes de lituanos no Brasil que são membros de um grupo fechado no Facebook sob uma perspectiva enunciativa e sociolinguística (BELONI, Von BORSTEL 2016). Com base na Semântica de Michel Bréal (SEIDE 2006), na Teoria da Relevância (SPERBER, WILSON, 2001; SEIDE, 2014), da Semântica do Acontecimento (GUIMARÃES, 2002; SEIDE 2010) e da Socio-Onomástica (Van LANGENDOCK, 2007, SEIDE, SHULTZ. 2014; ALDRÍN 2008) foi analisada uma amostra formada por 55 nomes de descendentes de lituanos de primeira, segunda e terceira geração, indistintamente com o propósito de investigar se houve mudanças na escolha dos nomes para os filhos tendo por parâmetro o sistema antroponímico do país de origem dos imigrantes. Os resultados obtidos indicam a existência de duas atitudes: a adaptação linguística e cultural ao país onde se vive, majoritária, e a conservação das características antroponímicas do país de origem, minoritária. Ambas evidenciam que prenomes e sobrenomes são depositários da memória e têm uma importante função identitária de modo que alterações do nome indicam mudanças de identidade

PALAVRAS-CHAVE: Socio-Onomástica. Antroponímia. imigração. descendentes de lituano. identidade.

ABSTRACT: This paper focalizes antroponyms of Lithuanian descendents in Brazil on an enunciative and semantic perspective (Von BORSTEL, BELONI, 2016). Based on Michel Bréal Semantic (SEIDE 2006), Relevance Theory (SPERBER, WILSON, 2001; SEIDE, 2014), Event Semantics (GUIMARÃES, 2002; SEIDE 2010) and Socio-Onomastics (Van LANGENDOCK, 2007, SEIDE, SHULTZ. 2014; ALDRÍN 2008) a sample of names of Lithuanian descendents in Brazil of first, second and third generation indistinctly. Results points to the existence of two behaviors: majority linguistic and cultural adaptation to the country where one lives and minority conservation of antroponymic features of the country of origin. Both are evidences that prenames and surnames are memory depositaries and have an important identity function as names changes signal identity changes.

KEYWORDS: Socio-Onomastics. Antroponym. immigration. Lithuanian descendent. Identity.

1.Introdução

A pesquisa apresentada neste artigo insere-se na Onomástica, área da Linguística dedicada ao estudo interdisciplinar dos nomes próprios, sejam eles de pessoas (antropônimos) ou de lugares (topônimos). Se bem haja a tendência de estes objetos de estudos serem investigados separadamente e com metodologias também distintas (SEIDE, 2008, SEIDE, 2013), há estudos que abrangem topônimos e antropônimos sob uma perspectiva enunciativa e sociolinguística (BELONI, Von BORSTEL 2016).



Adotando a mesma perspectiva, a investigação aqui publicada foca uma amostra de antropônimos dos descendentes de lituanos no Brasil¹ que são membros de um grupo fechado do *Facebook* tentando investigar se e em que medida houve a adaptação linguística e cultural da escolha do nome à cultura e à língua do país receptor. Salvo engano, este artigo é o primeiro a investigar os usos de nomes próprios de pessoas no contexto da imigração lituana no Brasil, haja vista que as pesquisas publicadas no país sobre este tema analisam a imigração lituana a partir da História (ZEN, 2012; SALLES, 2004).

Tendo por fundamentação teórica e metodológica os aportes da Semântica de Michel Bréal (SEIDE 2006), da Teoria da Relevância (SPERBER, WILSON, 2001; SEIDE, 2014), da Semântica do Acontecimento (GUIMARÃES, 2002; SEIDE 2010) e da Socio-Onomástica (Van LANGENDOCK, 2007, SEIDE, SCHULTZ, 2014; ALDRÍN 2008) foi analisada a amostra de 55 antropônimos de descendentes de lituanos de primeira, segunda e terceira geração, indistintamente coletados num grupo fechado de Facebook.

Os nomes analisados (com separação de prenomes e sobrenomes para manutenção do anonimato) foram coletados no Grupo Fechado do *Facebook* “Sou brasileiro e descendente de Lituanos”. Cumpre informar que a pesquisadora faz parte da comunidade estudada, é membro do grupo desde 29 de dezembro de 2016 e é, por parte paterna, filha e neta de lituanos, se bem que sua família tenha vindo ao Brasil na última leva de migrantes, ao final da década de 1940, e não no período de migração massiva (entre as 1910 e 1930 do século passado). Ao longo do artigo, todos os nomes em análise são grafados em itálico.

A pesquisa ora apresentada procurou responder às seguintes perguntas de pesquisa: os prenomes e sobrenomes dos descendentes de lituano foram adaptados tendo em vista as necessidades de uso no Brasil? Houve casos de manutenção de marcas

¹ Pelo fato de se tratar de membros de uma rede social não é possível delimitar geograficamente de onde todos os membros provêm. Sabe-se, contudo, que existe uma concentração de imigrantes e descendentes no estado de São Paulo e que também há imigrantes e descendentes, em menor número, no estado do Rio de Janeiro e nos estados do Sul do Brasil.

linguísticas lituanas nos nomes? Partiu-se da hipótese de que, estando em contexto migratório, se apresentavam aos imigrantes, ao menos, duas alternativas que representam dois extremos de um espectro: adaptação às características do país receptor ou conservação das características do país de origem. Aos descendentes, por sua vez, resta-lhes as alternativas de manter ou alterar as decisões tomadas por seus pais, o que pode implicar quer na manutenção do culto às origens, quer no resgate da língua e da cultura dos antepassados. Essas alternativas podem perpassar muitos aspectos da vida de um indivíduo, mas estão especialmente presentes no momento de escolha de nomes para os filhos, tendo em vista que os nomes próprios de pessoa funcionam como depositários da memória e têm uma importante função identitária de modo que alterações do nome, com frequência, apontam para mudanças de identidade.

O presente artigo está organizado em seis seções: a primeira informa sobre a fundamentação teórica adotada; a segunda sintetiza informações históricas sobre a imigração lituana no Brasil; a terceira descreve o ambiente onde os dados foram coletados; a quarta explicita os procedimentos metodológicos adotados, a quinta descreve o sistema antroponímico lituano e sétima seção apresenta a análise de nomes da amostra coletada. Por fim, na conclusão, há algumas considerações finais sobre a pesquisa realizada.

2.Fundamentação teórica

Para Breál, uma palavra se torna um signo quando, do ponto de vista do falante, ela se torna “um eco do pensamento que se tem a respeito do objeto” (SEIDE, 2006, p.53); do ponto de vista do ouvinte, há a busca pela intenção significativa do falante de modo que há sempre um desajuste entre os nomes e as coisas, causando o distanciamento entre étimo e significado, de um lado, e motivando as mudanças linguísticas, de outro (BREÁL,1992 [1904]).Tendo por ponto de partida esta noção de signo, Breál faz uma diferenciação entre os signos e mostra que “a qualidade sígnica das palavras [...] muda sensivelmente quando se trata de substantivos próprios ou de substantivos comuns“(SEIDE,2006, p.53).



Para o fundador da semântica na França, os nomes próprios se diferenciam dos nomes comuns por uma questão de grau: os próprios são mais significativos que os comuns em decorrência da manutenção de uma relação mais unívoca entre nome e coisa, decorrente do fato de serem usados para a designação a seres individuais. Esta circunstância propicia que as conotações associadas àquilo que é designado pelo nome próprio façam parte de seu significado. A diferença entre o nome próprio e o nome comum é assim por ele explicada:

Um adjetivo como *augustus*, tornando-se o nome de Otávio, sobrecarregou-se de uma quantidade de idéias que lhe eram primeiramente estranhas. Além disso, basta aproximar a palavra César, ouvida do adversário de Pompeu, e a palavra alemã *Kaiser*, que significa “imperador”, para ver o que um nome perde em compreensão para se tornar um nome comum [...]. Se se classificam os nomes segundo a quantidade de idéias que despertam, os nomes próprios deveriam estar na frente, pois são os mais significativos de todos, sendo os mais individuais [...] pode-se concluir que, do ponto de vista semântico, os nomes próprios são os substantivos por excelência (BRÉAL, 1992 [1904], p.126).

Pesquisas recentes baseadas em evidências neurolinguísticas confirmam o postulado brealino. Van Langendonck relata pesquisa sobre um paciente italiano que, após um acidente, teve prejudicada a capacidade de relacionar nomes próprios a seus portadores, mas não a de relacionar o portador às descrições definidas a eles associadas. Num teste que mostrava imagens de pessoas famosas, o italiano foi capaz de fornecer descrições definidas que remetiam à informação enciclopédica sobre elas, mas falhou todas as vezes em que foi instado a fornecer o nome das pessoas (Van LANGENDONCK, 2007, p.107 -109).

Esses resultados podem ser interpretados como indício de que a patologia do paciente dissociou o módulo responsável pela correspondência entre nome próprio e portador do módulo que relaciona o nome próprio às descrições definidas a ele associadas: “nos indivíduos normais, não havendo a dissociação, ambos os módulos estão inter-relacionados, possibilitando o resgate automático das informações sobre o



nome próprio, o portador do nome e as descrições definidas” [...]. (SEIDE, SCHULTZ, 2014, p.155).

A Teoria da Relevância (SPERBER; WILSON, 2001) também relaciona conhecimento enciclopédico e conhecimento linguístico. Segundo essa teoria, as palavras estimulam a ativação de conceitos na memória de curto prazo do interpretante, os quais são formados por três entradas: lógica, lexical e enciclopédica (SPERBER, WILSON, 2001, p.153). Nesta última, há as informações “sobre a extensão e/ou denotação do conceito: isto é, sobre os objectos, acontecimentos e/ou propriedades que o representam” (SPERBER; WILSON, 2001, p.144), trata-se de uma classe aberta e em contínua expansão.

Considerando os postulados de Breál, de Van Langendonck e os da Teoria da Relevância, a pesquisa relatada neste artigo parte dos seguintes pressupostos: Ao longo de sua vida, o indivíduo se envolve em práticas discursivas e vivências que vão acrescentando informações na entrada enciclopédica; o significado associativo dos nomes próprios (Van Langendonck, 2007) fazem parte da entrada enciclopédica, e “o conhecimento enciclopédico pode ser ativado, re-ativado ou expandido pela leitura de textos que tratam dos significados dos nomes próprios e /ou dos processos de nomeação (SEIDE, SCHUTZ, 2014, p.157).

Importa esclarecer as atitudes que as pessoas podem ter perante os nomes próprios. O nome próprio é um signo opaco para aqueles que desconhecem seu significado e/ou a motivação para a sua escolha. Neste caso, o antropônimo serve somente para indicar uma pessoa específica. O contrário ocorre quando a pessoa acredita que existe uma motivação por detrás dos nomes próprios e que eles são plenos de significado. Para essas pessoas, os nomes próprios são signos total ou parcialmente transparentes e, muitas vezes, compartilhar o conhecimento que se tem a respeito deles cria ou intensifica relações identitárias (SEIDE, 2010, p.121-122).

O processo de nomeação pode ser interpretado como resultado de uma enunciação que instaura um acontecimento e uma temporalidade enunciativos conforme postula a Semântica do Acontecimento: a pessoa nomeada se constitui como sujeito,

num processo de identificação que se faz num espaço de enunciação de uma língua e “identifica o indivíduo como cidadão” (GUIMARÃES, 2002, p.41).

O sujeito que nomeia, por sua vez, não o faz no vácuo, mas sim a partir de uma posição enunciativa: “o sujeito destas enunciações é sujeito enquanto fala de uma posição ideologicamente configurada pelo interdiscurso: posição de sujeito jurídico-liberal, ou religioso, ou administrativos, etc.” (GUIMARÃES, 2002, p.41). Assim, por exemplo, um pai que nomeia o filho Donizete para prestar homenagem a um padre chamado Donizete, nomeia a partir da posição de sujeito religioso; já quem escolhe para o filho o nome Bruno, por, no momento da enunciação, este nome ser um nome “novo” (não vulgarizado na época para nomear recém-nascidos), nomeia a partir da posição de sujeito moderno (GUIMARÃES, 2002, p.37).

Também é preciso considerar a unidade integrativa do nome e seu funcionamento morfosintático: o prenome faz parte de uma unidade maior formada pelo nome completo e “o nome determina, na construção do *nome* de pessoa, o *sobrenome* (GUIMARÃES, 2002, p.37 grifos da autora) sendo que a união entre ambos pode ocorrer, na língua portuguesa, por justaposição ou pela preposição “de” .

Importa esclarecer que a pesquisa realizada abrangeu tão somente os nomes e sobrenomes, excluindo-se as formas alternativas de chamamento a saber

apodo (apelido temporário que descreve alguma característica do denominado, em geral negativa); hipocorístico (variante familiar e carinhosa de um nome próprio) e alcunha (apelido que se diferencia do apodo por seu caráter permanente) (SEIDE, 2008, p.29).

Também é necessário tecer algumas considerações sobre a escolha de nomes em contextos migratórios de minorias linguísticas onde mais de uma língua é falada. Mesmo levando em consideração que a nomeação ocorre no espaço enunciativo da língua oficial do Estado, não se pode desconsiderar o ambiente bilíngue no qual ocorre a nomeação de filhos de imigrantes e os conflitos que podem ser instaurados em decorrência dos embates culturais e linguísticos enfrentados.

Em sua pesquisa sobre a nomeação em famílias de imigrantes na Suécia, nas quais os casais são formados por pelo menos um cônjuge não sueco, Aldrín analisou as motivações dos pais de filhos nascidos entre maio e julho de 2007 naquele país. Os resultados mostraram que, muitas vezes, a escolha era motivada por razões pragmáticas: dava-se preferência por nomes cuja escrita e/ou pronúncia não apresentaria dificuldades no(s) idioma(s) usados na família. Outras vezes a motivação estava relacionada à questões identitárias: o desejo de atribuir ao filho uma identidade sueca ou uma identidade internacional. Houve casos em que o filho recebeu um nome composto: o primeiro estrangeiro para os suecos e os demais considerados não estrangeiros para eles. Em famílias com dois ou mais filhos, o primogênito recebeu um nome sueco e os demais um nome estrangeiro do ponto de vista dos suecos (ALDRIN, 2008, p.8-6). Percebe-se que conflitos linguísticos e culturais fomentam essas escolhas, haja vista que os nomeadores vacilam perante as línguas e as culturas de origem e aquelas nas quais se inseriram ao migrarem.

Outra importante questão do processo de nomeação entre línguas e culturas está relacionada às limitações à liberdade de escolha. Como mostra López Franco, se bem muitos pais acreditem que escolham os nomes simplesmente por gosto ou preferência pessoal, os nomes escolhidos o são dentro das normas linguísticas, culturais e sociais estabelecidos pela língua de estado na qual os nomes são registrados. (LOPEZ FRANCO, 2000, p.658-659). Na legislação brasileira, por exemplo, à pessoa que foi nomeada fora dessas normas – formadas pela representação e pelos imaginários coletivos da língua – é garantido o direito de solicitar troca de nome.

Por fim, é preciso tratar da questão da troca linguística em contextos migratórios. Em tais contextos, costuma haver duas atitudes conflitivas e oscilantes: uma a favor da adaptação ao país receptor e outra tendendo para a conservação das origens. Nesse contexto, é comum, às vezes, já a partir da primeira geração, ocorrer a troca linguística da língua dos pais para a língua do país receptor. De um lado, há o apreço e os laços afetivos associados à língua que foi aprendida no lar, em família; de outro, a necessidade de entrar em contato com um número maior de pessoas e satisfazer as mais diversas necessidades comunicativas (JONSON, 2015, p.111).



Jonson assim descreve o processo de troca de língua: “No primeiro estágio, as famílias se tornavam bilíngues e, na geração seguinte, as crianças já aprendiam uma língua nova em vez de aprender primeiro a língua original. Mais tarde ainda, as pessoas paravam totalmente de aprender a língua original” (JONSON, 2015, p.111). Esse pesquisador também procura explicar este fenômeno sociolinguístico do ponto de vista dos indivíduos que trocaram de língua:

[...] As línguas não são peças de museu. São ferramentas a serem usadas, e quando as pessoas trocam de língua é porque, na situação que enfrentam, elas preferem a nova língua como meio de expressão para si mesmas e seus filhos. As razões frequentemente são semelhantes (...). Educação e cultura, religião, contatos com pessoas importantes, trabalho, dinheiro e poder entram em conta. Tudo isso se torna de mais fácil acesso quando alguém fala uma língua poderosa e numerosa do que quando permanece apegado a uma língua menor e sem poder. É por isso que frequentemente é vantajoso para as pessoas abandonarem sua língua nativa. (JONSON, 2015, p.112).

O fenômeno da troca linguística reportado e analisado por Jonson é bastante comum em contextos migratórios que envolvem línguas e culturas diferentes, como é o caso da imigração lituana no Brasil. Não raro, esse fenômeno é acompanhado ou precedido por mudanças no modo como os nomes são escolhidos para os filhos. Em ambos os casos, não se pode desconsiderar a relação intrínseca entre língua e sociedade subjacente a esse fenômeno, motivo pelo qual se partiu do pressuposto de que é imprescindível considerar tanto as normas sociais que norteiam a escolha do nome próprio, quanto o contexto histórico da migração na análise dos dados linguísticos, observando-se, também, se houve troca linguística nesse contexto.

Por pretender explicitar entre língua e cultura em contextos migratórios a presente pesquisa se enquadra na Socio-Onomástica, a qual quer seja vista como subárea da Onomástica ou como subárea da Sociolinguística, caracteriza-se pela preocupação de relacionar língua e sociedade na análise de nomes próprios. As pesquisas Socio-Onomásticas partem do pressuposto de que língua e sociedade formam uma via de mão dupla. Assim, em decorrência da influência do grupo social no sistema de nomes, o estudo desse sistema serve como “um barômetro sensível para se medir o



desenvolvimento social²” (trad. minha) (Van LANGENDONCK, 2007, p.307, para uma descrição mais detalhada dessa área de estudo, em língua portuguesa, pode se consultar o artigo de Frai (FRAI, 2016).

Sobre a interdisciplinaridade dos estudos dos antropônimos, pode-se ler Seide que exemplifica pesquisas desse tipo em artigo de revisão de literatura. Nesse artigo, há a análise de uma amostra composta por 33 trabalhos publicados m Anais do ICOS (International Council of Onomastics) em 2014 que aponta para a existência de “estudos que relacionam o uso dos antropônimos com a sociedade, a história, a cultura e políticas linguísticas [que] têm um viés sociolinguístico cuja interdisciplinaridade é constitutiva” e que “a maioria dos artigos (...) encontra-se nesta categoria” (SEIDE, 2016, p.115).

Explicitada a fundamentação teórica da pesquisa, na seção seguinte, são fornecidos dados históricos sobre a migração lituana no Brasil.

4.A migração lituana no Brasil

A Lituânia, a Letônia e a Estônia são os únicos países do leste europeu banhados pelo mar báltico. A Lituânia aderiu à União Europeia em 1 de Maio de 2004. Em 2015 – ano de entrada na Zona do euro -- o país tinha como principais parceiros comerciais a Rússia, a Alemanha e a Polônia e a Letônia. Em 2015, havia, no país, que tem 65.286 km² de extensão, uma população de 2.921.262 habitantes. (UNIÃO EUROPEIA, 2017), número condizente com o informado por Zen para a época imediatamente posterior à dissolução da União Soviética: então a população era de 3,5 milhões de habitantes, destes, 700 mil migraram para a Europa Ocidental, ou, mais raramente, para os EUA (ZEN, 2012, p.11).

Não será analisada esta migração mais recente, mas sim as ondas migratórias que trouxeram um número significativo de lituanos ao Brasil. As levas de imigração dos lituanos acompanharam o movimento migratório europeu que havia sido iniciado nos anos 70 do século XIX e teve, como a quarta e última leva, o período iniciado em 18 de setembro de 1945 e finalizado em 1950 (SALLES, 2004, p.3).

² “This impact seems to be a sensitive barometer for the measurement of social development”.



A migração lituana começou pouco antes de 1920, teve seu auge no período que vai de 1926 – quando os EUA e outros países que atraíam os lituanos aplicaram regras restritivas como a de cota racial – a 1930. A última leva, com um número reduzido de migrantes, entre 1940 e 1950, ocorreu logo após os soviéticos expulsarem os alemães do território lituano em 1944, pondo fim à ocupação nazista na Lituânia que se iniciara em 1941. (ZEN, 2012).

No começo, a migração lituana no Brasil foi promovida por empresas privadas sem muito controle ou fiscalização do governo lituano, algumas delas exploravam os migrantes tanto na venda de seus pertences antes da viagem, quanto na cobrança de passagem que os fazendeiros brasileiros já tinham adquirido. Neste período inicial, houve, inclusive, um caso célebre em que os migrantes compraram terras que eram frutos de grilagem. Inicialmente, eles foram trabalhar no meio rural, porém, em pouco tempo, de deslocaram para o meio urbano devido às más condições de trabalho (ZEN, 2012).

Como reação a esta situação, e também sob inspiração do modelo de controle e apoio de migração de Mussolini, o então presidente da Lituânia, Antanas Smetona, em abril de 1921, promoveu o estabelecimento de consulados e embaixadas no Brasil, na Argentina e no Canadá. De acordo com Zen, também havia propósitos ideológicos e políticos: “A questão era como fazer os imigrantes aderirem à política nacionalista e ao partido nacionalista. A preocupação para esse posicionamento era o crescimento das organizações de esquerda entre os lituanos emigrados.” (ZEN, 2012, p.73).

Em 1931, foi modelada a estrutura consular no exterior, com cônsules escolhidos entre os membros do partido nacionalistas,

os Tautininkas, produzindo uma mescla de hierarquias que unificava os interesses ideológicos do partido com a estrutura de Estado. Neste mesmo sentido, outras organizações privadas foram associadas aos projetos políticos o que possibilitou aos lituanos na América a formação de associações, escolas e clubes [...] (ZEN, 2012, p.74)

No Brasil, muitos recursos foram investidos por iniciativa do presidente da Lituânia na época, entre 1933 e 1938 os quais foram usados para o pagamento de



salários de professores lituanos, de padres, gastos com imprensa e compra de livros. Esse “volumoso investimento no Brasil [...] pode ser explicado, em parte, pela maior quantidade de imigrantes no país e pelas dificuldades que passavam” (ZEN, 2012, p.76). No mesmo período, foi fundada, na Lituânia, uma associação de católicos e nacionalistas que arrecadava recursos para enviar ao Brasil em apoio aos migrantes lituanos. Para possibilitar a compra de propriedades, algo proibido às instituições estrangeiras pela legislação brasileira da época, foi criada a Sajunga (Aliança Lituano-Brasileira de Assistência Social). (ZEN, 2012, p.79)

Entre 1929 e 1936, a política de Smetona trouxe benefícios aos imigrantes e suas famílias. Foram construídas e/ou inauguradas cinco escolas bilíngües particulares e não religiosas, nas quais eram ministradas seis aulas diárias, sendo três em português e três em lituano. Essas escolas, contavam com professores brasileiros e professores lituanos (enviados pelo governo lituano). Apesar de mensalidades serem cobrada, havia oferta de algumas bolsas de estudo: Escola Dr. *Vincas Kudirka* (no Pari, pouco depois transferida para a Mooca), Escola Dr. *Jonas Basanavičius*, na Vila Anastácio, Escola *Lietuvos Kunigaikstis Vytautas Didisys*, na Vila Bela, Escola *Vyskupas Valančius*, no Bom Retiro e escola *Maironis*, no Parque das Nações em Santo André³. Na escola do Bom Retiro foi sediada a “*Sporto Sajunga Lietuva*” (Aliança Esportiva da Lituânia) onde teve início a formação de grupos de danças folclóricas. (ZEN, 2012, p.80)⁴ Data também desta época a construção da igreja católica São José, em 1936, e a criação da Vila Zelina, na Vila Bela, empreendimento imobiliário pelo qual houve compra e venda de terrenos onde os proprietários migrantes construíram suas casas (ZEN, 2012, p.94). Do ponto de vista econômico, houve um avanço social, pois os migrantes, em sua maioria, trabalhadores rurais, se estabeleceram como comerciantes sendo comuns os anúncios dirigidos aos conterrâneos e escritos em lituano nos jornais locais.

³ Foge do escopo desse artigo a análise dos nomes da escola, admite-se, porém, a necessidade de que sejam analisados em outra ocasião.

⁴ Em 1971 foi fundado o grupo de dança folclórica lituana “*Nemunas Sokių Grupė Brazilija*” fundado por Jonas Lukocevicius e atualmente coordenado pela senhora Rosana Ramasauskas Petroff. Mais informação pode ser obtida no site do grupo: <http://br.reocities.com/nemunasbr/canada/page1.html>. Desde 1998, há um grupo de danças folclóricas na Mooca chamado *Rambynas Brasijia*, mais informação pode ser obtida no site do grupo, coordenado pela senhora Sandra Mikalauskas Petroff: <http://www.rambynas.com/lietuva/pgrambynas/atividades/atividades.html>



No período, muitos jornais foram fomentados. Eles eram financiados por recursos dos próprios proprietários, dos assinantes e dos anunciantes. Alguns tendiam, ideologicamente, para a direita e, outros, para a esquerda. A partir de outubro de 1930, o Deops (Departamento Estadual de Ordem Política e Social) passou a reprimir as ações, os jornais e as associações dos lituanos comunistas, o que não ocorria com as publicações que tinham outro direcionamento político. (ZEN, 2012, p.92).

No final da década de 1930 e início de 1940, houve a queda do governo de *Smetona* e consequente desestruturação das organizações lituanas financiadas por seu governo. O Estado Novo de Vargas impediu a circulação da imprensa escrita em lituano e a Polícia Política passou a também reprimir os grupos de extrema direita em consonância com o ingresso do Brasil na Segunda Guerra Mundial do lado Aliado (ZEN, 2012, p.139). No mesmo período, a Lituânia foi ocupada pelos nazistas os quais foram expulsos pelos soviéticos em 1944. De 1944 a 1990, o país permaneceu sob domínio soviético, tendo recuperado sua independência no dia 11 de março de 1990.

De 1944 a 1946, houve, por toda a Europa, um intenso trânsito de pessoas deslocadas pela guerra. Os lituanos que estavam nesta condição se reuniram em campos de refugiados na Alemanha e na Áustria. Após alguns anos vivendo nos campos, muitos seguiam para o continente americano. Entre 1940 e 1950, os últimos migrantes aportaram no Brasil, em Santos ou no Rio de Janeiro. A maioria passou a residir e trabalhar na capital de São Paulo. Esta foi a última fase da migração sistemática (ZEN, 2012, p.163). Desde então, a migração de lituanos ao Brasil tem sido rara e esporádica.

Nos campos de refugiados, os lituanos eram acolhidos e apoiados por uma associação formada pelos nacionalistas que criaram a “Pasaulio Lietuvių Bendruomenė” (Comunidade Lituana Mundial) conhecida pela sigla PLB:

No Brasil, a PLB [...] assumiu uma postura bastante combativa e os Deslocados de Guerra foram responsáveis pela articulação do principal jornal lituano [...] o *Mūsų Lietuva* (Nossa Lituânia) que nos primeiros anos assumia uma postura agressiva com relação ao comunismo e à URSS, construindo uma imagem idealizada da Lituânia independente e cultuando seus símbolos nacionais. Dava-se, assim continuidade ao nacionalismo do período de *Smetona* no contexto da Guerra Fria. (ZEN, 2012, p.169).



Esse jornal foi citado numa mensagem postada no grupo “Sou brasileiro e descendente de lituanos”. Na mensagem, a autora da postagem afirmava ter tido contato com exemplares do “Mūsų Lietuva” antes mesmo de ter sido alfabetizada e perguntava se alguém conhecia o jornal (o qual saiu de circulação no final de 2015). Houve muitas respostas, dando informações sobre os jornais que existiram em lituano no Brasil, também houve uma que chamou a atenção por sua autora ser filha de uma das colaboradoras do jornal. O fato de tantos membros terem conhecimento sobre esses jornais, indica que sua circulação foi importante para criar e consolidar uma comunidade de leitores que pudessem ver-se a si mesmos como pertencentes a um mesmo grupo social, o que corrobora o poder simbólico dos jornais, os quais são capazes estabelecerem relações identitárias entre seus leitores.

Atualmente, os grupos sociais como os que se formam no *Facebook* exercem papel semelhante, isto é, criam, em seus membros, a sensação de pertencimento ao grupo, criando, assim, relações identitárias nas quais são fortalecidas certas características de seus membros enquanto outras são enfraquecidas. Por exemplo, num grupo de torcedores de um time de futebol, torcer para o mesmo time é o que une o grupo, estabelecendo uma relação identitária, não sendo consideradas as demais características dos sujeitos que poderiam diferenciar os membros entre si.

4 Grupo “Sou brasileiro e descendente de lituanos”

O grupo “Sou brasileiro e descendente de lituano” é um grupo fechado e foi fundado no dia 09 de maio de 2010 por seu administrador Waldemar Mališka Sidaravičius e, atualmente, conta com mais de quatro mil membros. Há três maneiras de ser admitido no grupo: ser convidado pelo administrador, enviar pedido de adesão ao administrador ou ser indicado por um membro do grupo. Na sua maioria, os membros são filhos, netos, bisnetos ou tataranetos de lituanos, havendo também alguns lituanos. Em geral, os descendentes de lituanos no Brasil moram na capital de São Paulo ou de Santos e região, alguns são do interior de São Paulo e outros dos estados do Paraná e



Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Por respeito à privacidade de seus membros, tomou-se o cuidado de não transcrever suas mensagens, preferindo-se publicar uma paráfrase aproximada daquilo que informaram no grupo.

As mensagens mais populares trocadas entre os membros são sobre pratos da culinária lituana, são comuns pedidos e trocas de receitas e mensagens com fotos das comidas preparadas. Já houve casos de uma foto de comida postada ter gerado o preparo da receita por outros membros do grupo, criando uma cadeia de mensagens. Contudo, não são muitas as receitas conhecidas e degustadas. De uma receita (a de Zepelinas) muitos relataram ter saudades, se comiam quando crianças, ou curiosidade, se ouviam falar do prato quando crianças, mas nunca experimentaram. Até o fim do período observado, ninguém do grupo tinha conseguido recuperar essa receita. Pode-se afirmar que as postagens sobre os pratos típicos motivam a manutenção ou criação de uma identificação que vem do compartilhamento, ou, às vezes da criação, de hábitos cotidianos.

Identificação que também está atrelada a saudades da infância e dos antepassados que já se foram. Em uma das postagens de fotos, a autora da postagem informa que fez o prato típico por, no dia, estar com muitas saudades de suas tias e de avós já falecidos, o que revela a relação entre a culinária, a cultura e a memória.

Outro tópico de postagem recorrente é a História da Lituânia em geral e, em especial, a História Medieval Lituana. Invariavelmente, as mensagens são enviadas pelo mesmo membro: um senhor mais idoso, lituano e bilíngue. Ele traduz trechos de narrativas históricas do lituano para a língua portuguesa e os divulga com fotos ou desenhos ilustrativos, mas não informa as fontes utilizadas. Quase todas as reações às histórias contadas são positivas e elogiosas, quase ninguém questiona o relatado ou solicita mais detalhes. Quando a mensagem divulga histórias positivas há mais comentários e “curtidas” do que quando relembra fatos dolorosos que influenciaram a vida dos antepassados em algum momento. A função desse tipo de postagem parece ser o de informar os descendentes sobre o passado do país de origem, o que pode criar uma



sensação de origem compartilhada, um reconhecimento de que há um passado em comum e, em alguns, certo orgulho de sua origem.

Sistematicamente, o administrador posta fotos e vídeos relativos às festividades lituanas, todos os membros reagem positivamente e agradecem pela oportunidade de saber mais sobre a cultura lituana. Também nesta linha mais turística, é comum os membros enviarem fotos de viagens que fizeram ao país báltico. Alguns lituanos ou brasileiros na Lituânia enviam fotos em tempo real para comentar sobre o clima. Essas postagens se prestam a uma importante função: a de provocar, nos membros, o desejo de viajar para a Lituânia, de “voltar às origens”.

Mensagens um pouco menos populares são sobre eventos esportivos ocorridos na Lituânia, notícias sobre atualidades lituanas publicadas em inglês e postagens em língua lituana. Muito raramente, observou-se postagem de respostas dadas a comentários feitos em lituano, tendo havido um caso em que uma postagem em lituano foi comentada em português e o administrador postou outro comentário, esclarecendo que o autor da postagem era lituano e não sabia português. Depois disso, nenhum outro comentário foi acrescentado à postagem.

Essas últimas reações são indícios indiretos de que a maioria dos membros não é proficiente no idioma lituano ou dele conhece muito pouco, a prática de tradução de histórias por parte de um dos membros da comunidade também indicia o não conhecimento do idioma. A reação a uma postagem em particular forneceu um indício direto. Nessa postagem, a autora questionava uma informação dada numa notícia de *internet* segundo a qual o idioma lituano não era falado no Brasil e pedia aos membros que falassem o idioma que deixassem um comentário. Apenas um membro respondeu mediante uma frase em lituano. Depois, a pedido de um membro do grupo, essa pessoa deu mais informação sobre si mesma: nasceu em 1959, não frequentou escolas bilíngues, mas aprendeu o idioma com os pais e os avós, cujo falecimento desmotivou o uso do idioma, uma vez que o membro do grupo afirmou não mais usar o idioma desde então. Com relação aos alunos das escolas fundadas com apoio do governo lituano, faltam pesquisas que evidenciem se e em que medida os institutos de ensino bilíngues



contribuíram para a manutenção do idioma. Contudo, pode-se supor que há, por parte dos ex-alunos, atitudes muito diversificadas: de um lado, há o exemplo de dois irmãos, ambos com mais de setenta anos em 2017, que cursaram os primeiros anos do ensino fundamental e que atualmente não usam o idioma desde o falecimento da mãe, o pai tendo falecido primeiro; de outro, há o caso de uma ex-aluna, da mesma faixa etária, que foi colega de um deles e, hoje, é tradutora juramentada do idioma lituano em São Paulo.

Os exemplos dos irmãos e do membro que respondeu à mensagem são exemplos típicos do processo de troca linguística. Para os descendentes de primeira ou segunda geração (nos casos em não houve casamentos mistos), o lituano é uma língua usada oralmente, na família. Não sendo mais necessária ou possível a comunicação familiar, ela deixa de ser usada. Conforme já apontara Janson (2015) quando mais de uma língua é usada, costuma haver uma que predomina. Nesta escolha de usar um dos idiomas, costuma se preferir aquele no qual o falante se comunica com um número maior de pessoas e que é mais prestigiado no entorno social. Com relação à preferência por línguas de prestígio, é preciso mencionar a existência de descendentes de lituanos, falantes monolíngues de língua portuguesa que se dedicaram ao estudo da língua inglesa na qual podem se comunicar com mais pessoas, inclusive com lituanos que dominem, como língua estrangeira, esse mesmo idioma.

Postagens ao final do período de observação, indiciam a preocupação por aprender a língua dos antepassados, entre elas, está uma postagem feita pelo administrador do site na qual ele enviou um questionário para saber o interesse das pessoas em ter aulas on-line com uma professora nativa que conhece a língua portuguesa.

Feito um panorama geral do contexto histórico da migração lituana no Brasil e do ambiente onde os dados foram coletados, a seção seguinte descreve mais detalhadamente a metodologia de pesquisa adotada.

5. Metodologia



Tomada a decisão de se estudar os nomes de descendentes de lituanos no Brasil, surgiu a questão de decidir como poderia ocorrer a coleta dos dados. Então, a pesquisadora soube do grupo fechado do *Facebook* destinado a descendentes de lituanos e enviou proposta de adesão ao administrador do grupo que a aceitou como membro. Partindo-se do pressuposto de que pesquisas de campo, atualmente, também são suscetíveis de ocorrer no meio digital, decidiu-se realizar uma observação participante do ambiente onde os dados seriam coletados.

Considerando-se as características, os usos e as funções dos antropônimos do ponto de vista cognitivo, psicológico e social, ao final de um período de observação participante no grupo “Sou brasileiro, descendente de lituano” que começou no mês de dezembro de 2016 e terminou no mês de março de 2017, foram coletados 55 nomes dos membros do grupo que “curtiram” uma mensagem específica postada no grupo, com inclusão da autora da postagem.

Esses nomes foram analisados qualitativamente, observando-se a língua ou línguas dos prenomes e dos sobrenomes, a combinação dos sobrenomes como indicação da constituição da família dos portadores (por exemplo, um sobrenome lituano e um não lituano aponta para um casamento misto) e o posicionamento enunciativo dos nomeadores. As informações sobre a que idioma pertencia o prenome ou o sobrenome foram provenientes do conhecimento da pesquisadora sobre os idiomas envolvidos, de um dicionário de nomes italianos (De Felice, 1986) e de informações gramaticais e exemplos colhidos num livro de lituano para estrangeiros (DŽEŽULSKIENĖ, 2014). Quando necessário para confirmação das análises, membros do grupo do *Facebook* falantes do idioma como língua de herança ou como língua adicional foram consultados.

Concomitante à observação participante, foram realizadas pesquisas sobre a história da migração lituana no Brasil e as características dos nomes próprios de pessoas na língua e na cultura lituanas. Compreendido o contexto histórico, linguístico e cultural dos descendentes de lituanos, iniciou-se a coleta e a análise de dados, ambas pautadas pelo viés qualitativo. No que se refere à análise linguística e enunciativa dos nomes da amostra, partiu-se do pressuposto de que não seria possível realizá-la a não ser de um



ponto de vista bilíngue e contrastivo, isto é, comparando-se os sistemas antroponímicos em jogo, para o que se fez necessário estudar com mais profundidade o sistema antroponímico lituano, descrito na seção a seguir, antes da seção na qual os nomes coletados são analisados.

6.O sistema antroponímico lituano.

O idioma lituano é uma língua declinatória cuja origem remonta ao sânscrito, ao grego e ao latim, a maior parte do léxico é endógena, motivo pelo qual a maioria das palavras lituanas são opacas para os falantes de línguas europeias, muitas das as palavras que lhes parece mais transparentes são fruto de empréstimos linguísticos de outro idioma ou são termos internacionais. Adotando-se um viés contrastivo, considera-se que uma palavra de uma língua estrangeira é semanticamente transparente, para o aprendiz desta língua, se é possível relacioná-la a uma palavra por ele já conhecida e que apresenta sentido semelhante. Por exemplo, existe, na língua lituana, a palavra *docentas* que poder ser relacionada à palavra da língua portuguesa *docente* ambas usadas para se referir ao professor universitário. O mesmo não ocorre com a palavra *namas* que quer dizer *casa*, neste caso, trata-se de uma palavra opaca.

Com relação aos nomes próprios de pessoa, os nomes de mulheres são formados, via de regra, pelo prenome seguido do sobrenome do pai, se ela é solteira ou pelo prenome seguido do sobrenome do esposo, os nomes de homens, por sua vez, pode ser formado por um ou dois prenomes seguido do sobrenome do pai. Os nomes próprios de pessoa são registrados no nominativo singular e são declinados em outros casos conforme sua função sintática na frase (acusativo, genitivo, ablativo ou locativo). Cumpre ressaltar que os sobrenomes portados pelas mulheres têm declinações peculiares como se explica melhor a seguir.

Membros do grupo do *Facebook* comentaram que o lituano é um idioma difícil de aprender. Para alguns membros, isso se deve à dificuldade de dominar o vocabulário, formado por palavras que dificilmente podem ser associadas àquelas que os aprendizes

conhecem. Para outros, a maior dificuldade é a sintaxe, isto é,: a construção de frases, segundo as regras combinatórias da língua. No idioma lituano a ordem das partes da oração não indicam função sintática, como na língua portuguesa, e os termos determinantes precedem o termo determinado no sintagma, como se pode verificar no sintagma *Brazilijos Lietuvių Bendruomenė* que significa, palavra a palavra *Brasileira Lituana Comunidade* e numa tradução conforme as regras combinatória da língua portuguesa *Comunidade Lituano-Brasileira*.

Com relação aos sobrenomes e prenomes lituanos, os nomes citados na seção anterior já dão alguma ideia sobre como são os antropônimos masculinos. Há nomes que não tem similar em outras línguas como é o caso de *Vincas* e *Vytautas*, e nomes de origem bíblica ou católica (o catolicismo é majoritário na Lituânia) que foram integrados às regras gramaticais do idioma: *Antanas*, por exemplo, equivale à Antônio. Jonas é *Jonas* mudando-se apenas a pronúncia da letra inicial, em decorrência de sua terminação em “as” coincidir com o morfema masculino *-as* usado em prenomes e sobrenomes: *Rimas* (nome) e *Klimas* (sobrenome), por exemplo.

Os sobrenomes citados são *Smetona*, *Kudirka*, *Didisys*, *Valančius*, *Banalavičius*, dos quais cumpre ressaltar o fato de os últimos terminarem em “*čius*” e “*vičius*”, sufixos de origem polonesa que foram acrescentados a alguns sobrenomes na Idade Média para indicar pertença à nobreza e remonta à união do Grão-Ducado da Lituânia ao reino da Polônia em 1386. Comparem-se, por exemplo, os sobrenomes poloneses *Siemienowicz* e *Niemcewicz* e o sobrenome lituano *Balanavičius*. Não é difícil perceber que o morfema polonês *-wicz* foi tomado de empréstimo e traduzido para *-vičius*.

Os sobrenomes femininos, por sua vez, recebem terminações diferentes para indicar se são casadas ou solteiras. O sobrenome *Butkus*, por exemplo, é usado para portadores do sexo masculino. Se o portador é uma mulher casada muda para *Butkienė*, se a mulher é solteira é *Butkytė*. A partir de 2003, existe a possibilidade de a declinação do sobrenome ser feita mediante o morfema *-ė*: *Butkė* (DŽEŽULSKIENĖ, 2014, p.18).



Para melhor compreensão do sistema antroponímico lituano, descrevem-se e analisam-se, a seguir, exercícios de um livro de lituano para estrangeiros elaborados com o objetivo de ensinar aos alunos como são os nomes e sobrenomes lituanos.

Na obra de Džežulskienė supracitada, um livro didático de nível básico para estudantes de lituano como língua estrangeira, há um exercício de identificação de fotos, antropônimos e descrição definida que não só evidencia as peculiaridades do sistema de nomeação lituano, mas também procura ativar e expandir o conhecimento enciclopédico do aprendiz. No exercício há seis imagens, seis itens e quatro antropônimos por item. A tarefa solicitada ao aluno é a de relacionar a foto, com a categoria ou item e o nome da pessoa fotografada ou desenhada.

Para o item artista masculino, há os nomes *Birutė Stankūnas*, *Vicent van Gogh* e *Mikalojus Konstantinas Čiurlionis*. Para acertar a alternativa correta é preciso reconhecer o nome *Birutė* como prenome feminino e o de *Vicent van Gogh* como nome de artista não lituano e relacionar o último nome com a foto que lhe corresponde. Um aluno mais observador pode notar uma falha, talvez posta de propósito para chamada de atenção dos aprendizes: o sobrenome de *Birutė* termina com o morfema *-as* que deveria ser usado apenas quando o portador do sobrenome é do sexo masculino. Aliás, notícias sobre essa pintora lituana mencionam que seu nome completo é *Birutė Nomeda Stankūnienė* (LITUÂNIA, 2017).

No item presidente (no feminino) da República Lituana, há os nomes *Valdas Adamkus*, *Margaret Thatcher* e *Dalia Grybauskaitė*. O segundo nome é sabidamente nome de uma figura política não lituana, mas inglesa. Contudo, para acertar o exercício é também preciso identificar *Valdas* como nome masculino e *Dalia* como nome feminino, os sobrenomes também indicam o sexo do portador: a terminação *-us* de *Adamkus* indica que o portador é um homem, já a terminação *-aitė* indica que quem porta este nome é uma mulher solteira.

No item reis lituanos, os nomes *Mindaugas*, *Barbora Radvilaitė* e *Arthur* são as alternativas. Pelo fato de o único sobrenome citado terminar em *-aitė* já se sabe que, por ser nome feminino, não pode nomear um rei. Restam, então, os dois outros



nomes. Sendo Arthur um nome de origem inglesa, sobra *Mindaugas* cuja terminação em *-as* indica que o nome é do gênero masculino. Com relação ao nome Arthur, ao que parece, ele foi considerado pela autora do exercício, como um nome, evidentemente, não lituano.

No item esportistas masculinos, os nomes são Frank Lampard, *Árvydas Sabonis* e Bojan Kirkic. Para este item, entra mais em jogo o conhecimento enciclopédico dos alunos. O portador do primeiro nome é um jogador de futebol inglês e o terceiro um jogador de futebol espanhol de origem sérvia, o nome que termina em *-as*, por sua vez, é a alternativa correta pois refere-se a um famosíssimo jogador lituano de basquete. Aqui é importante saber duas coisas: o esporte praticado por cada atleta e que o futebol não é o esporte preferido dos lituanos, mas sim o basquete.

No item escritoras, os nomes *Jurga Ivamauskaitė*, Astrida Lindgren e Agatha Christie são citados. A primeira alternativa já indica, pela terminação *-a* do nome e pela terminação *-aitė* do sobrenome, que se trata de um nome lituano feminino. Apesar disso, o conhecimento enciclopédico também ajuda para descartar o último nome, por ser uma escritora britânica, e o segundo nome, cuja portadora é uma famosa escritora sueca de obras infanto-juvenis.

No último item, historiadoras, há os nomes *Alfredas Bumblaukas*, *Marija Gimbutienė* e *Motina Teresė*. Enquanto o primeiro nome pode ser descartado por ser nome de pessoas do sexo masculino (terminação *-as* no prenome e no sobrenome), o sobrenome do segundo indica que o portador é uma mulher. Para acertar a questão, contudo, é preciso saber que o substantivo “motina” significa mãe e inferir que *Motina Teresė* quer dizer “Madre Teresa”.

Na mesma página do livro, são apresentados alguns exemplos de nomes lituanos femininos e masculino: *Asta*, *Birutė*, *Celina*, *Čelova*, *Daiva*, *Eglė*, *Filomena*, *Gintarė*, *Hiacinta*, *Ina* e *Juratė*, para as mulheres e, para os homens, os nomes *Mindaugas*, *Rimas*, *Kęstutis*, *Paulius*, *Narimantas*, *Oskaras*, *Skirmantas*, *Šarūnas*, *Tomas*, *Ugnius*, *Ūdryš*, *Vytautas*, *Zigmas* e *Zygmantas*. (DŽEŽULSKIENĖ, 2014, p.18).

Outra observação importante diz respeito à grafia da língua lituana, os seguintes grafemas são inexistentes na língua portuguesa: ą / Aą; ; ę / Eę; è / È; į / Į, ū / Ū; ų / Ū; č / Č; š / Š e ž /Ž. Os sinais gráficos inferiores das vogais “a” e “e” indicam pronúncia nasalizada, o sinal superior das vogais “e” e “u” indica que a vogal é longa. Nas consoantes “c” e “z” o sinal gráfico indica palatalização da pronúncia.

Feita uma breve apresentação das características linguísticas dos prenomes e sobrenomes lituanos, apresenta-se, a seguir, a análise linguística e enunciativa dos nomes coletados do grupo do *Facebook*.

6. Análise linguística e enunciativa da amostra de nomes de descendentes de lituanos

Para a coleta de dados, foram considerados os nomes que aparecem numa postagem de fotos relativas à comemoração do dia 11 de março e o nome da autora da postagem. Na data mencionada, comemora-se a libertação da Lituânia do jugo soviético e declaração de sua independência. Essa postagem foi escolhida por apresentar um número de curtidas mediano para o grupo, 54 curtidas, e por, qualitativamente, apresentar o mesmo perfil de nomes completos observado em outras postagens no período de observação participante (dezembro de 2016 a março de 2017). Quando necessário para a generalização ou limitação dos resultados obtidos, os nomes foram confrontados com outros extraídos da listagem dos membros do Facebook.

Ao todo, foram coletados 55 nomes completos, sendo 13 masculinos e 32 femininos. Dos prenomes masculinos, há um que é tipicamente lituano. Trata-se do nome *Vitas* (hipocorístico de *Vytautas*, não se sabe se o nome de registro do portador é *Vitas* ou *Vytautas*). Dos femininos, também há dois prenomes: *Dalia*, acompanhado de sobrenome com o sufixo indicador de que a portadora é uma senhora casada e *Grazina* (grafado à maneira brasileira, conforme a ortografia lituana seria *Gražina*) acompanhado por sobrenome terminado em *-us*, sufixo usado em lituano somente quando os portadores são do sexo masculino. As informações sobre a portadora do primeiro prenome e seu comportamento no grupo, durante o período de observação,



indica que ela é falante plurilíngue, no grupo, lê e escreve em inglês português e lituano e mora, atualmente, em Vilnius, capital da Lituânia,.

Com relação aos sobrenomes masculinos, apenas um se distancia da ortografia portuguesa pelo uso do grafema “y” no sobrenome: *Banys*. Há também um nome masculino que se diferencia dos demais pela ortografia e pela língua em que está escrito: o portador do prenome *Joe* é um senhor descendente de lituanos residente nos Estados Unidos.

Esta caracterização geral dos nomes indica que houve, na quase totalidade dos casos, adaptação gráfica e morfológica à língua portuguesa dos sobrenomes e escolha de nomes considerados não lituanos. Na antroponímia masculina, foram coletados os seguintes prenomes, com exclusão dos já citados: *Alonso, Clayton, Ludio, Marco, Marcos Jorge, Mérupe, Paulo, Pedro, Rogério, Valdemar* e *Victor*. Cumpre observar que a alternância entre *Marcos* e *Marco*, uso do grafema “y” não etimológico resultando em grafias inovadoras, bem como grafias que resgatam o étimo do nome, como em *Victor* são fenômenos que já foram registrados em pesquisas anteriores na região do oeste do estado do Paraná (GRESPLAN 2012, VESCOVI 2013, SEIDE, 2013 e FRAI 2016) o que indica que os nomes dos membros seguem tendências antroponímicas existentes no Brasil.

Com relação aos prenomes femininos foram coletados os seguintes, incluindo o já citado: *Adriane, Anelia, Arlete, Babi, Cecilia, Dalia, Danita Sonia, Deise, Domenica, Elisabete, Elvira, Fatima, Flávia Taynara, Geny, Gizela, Ines Angela, Irene, Luciana, Maria Augusta, Maria del Carmen, Mariela, Natalia, Neide, Odete, Sandra Regina, Silvia, Suely, Vanda Lucia, Vanessa* e *Vilma*. É preciso ressaltar a ocorrência de nomes grafados com um “y” não etimológico, formando uma grafia neológica, fenômeno também observado em pesquisas anteriores já citadas, indicando que os nomes femininos da amostra também seguem tendências nacionais. Chama também a atenção a ocorrência de nomes femininos italianos *Angela* (De Felice, 1986p.66) e *Mariela*, este grafado à maneira portuguesa e não conforme a língua de origem na qual é grafado

Marièlla (De Felice, 1986, p.251), o nome espanhol *Maria del Carmen* e o nome híbrido *Danita* que termina com o sufixo diminutivo espanhol *-ita*.

Apresentados os prenomes masculinos e femininos do *corpus*, as tabelas a seguir visualizam os sobrenomes dos portadores e das portadoras visualizados nas tabelas a seguir

Tabela 1a. Sobrenomes de portadores masculinos

Lit. em -as	Lit. em -us	Lit em -is ou -s	Lit.-vicius	Não lit.
Svobonas	Blujus	Kiliotatis	Sinkevicius	Lindolfo (lus.br)
		Selmistrats		Zuntini (italo)
				Biazzi (italo)

Tabela 1b. Sobrenomes de portadores masculinos, formados por sufixos não citados em Džežulskienė (2014)

Lit. em -auskas (= o homem)	Lit. - vicius
Zukauskas	Sinkevicius
Ramasauskas	
Sventkauskas	

Tabela 2.a Sobrenomes lituanos de portadoras

Lit. em -a	Lit. em -as	Lit. em -us	Lit em -is	Lit.-vicius	Lit. em é (fem).
Varkala	Tumenas	Bendzius	Jasiskis	Malevicius,	Jakaitė
Ramoska	Pavilanas		Reinis	Linkevicius	
Dragva					
Talacka					

Tabela 2b. Sobrenomes de portadoras, formados por sufixos não citados em Džežulskienė (2014)

Lit. em -unas	Lit. em -auskas (=o homem)
Aleksejunas	Murauskas
Kavaliunas	

Tabela 3. Sobrenomes não lituanos de portadoras

Ítalos	Outros	Lusos e /ou Bras.
Ferrite	Wilhelm (germânico)	Villaça
Vantini	Charoff, (russo)	Marques
Codogno	Harder (alemão)	Correa
Techio	Tamashiro (japonês)	

Os dados da tabela 3 e da tabela 1 a mostram a existência de sobrenomes não lituanos ao lado dos sobrenomes lituanos, considerando que, no sistema antroponímico brasileiro, as pessoas portam o sobrenome da mãe e o sobrenome do pai, a existência de sobrenomes de distintas origens etimológicas pode ser vista como indício de casamentos



mistos nos quais um dos cônjuges é descendente de lituanos e o outro não de nome de filho, neto ou bisneto de lituanos. Quando se trata de descendentes de mulheres lituanas, esta origem pode estar omitida, tendo quem vista se comum as mulheres abonarem o sobrenome da mãe ao se casarem. No sistema lituano, inclusive, via de regra, há a adoção do sobrenome do marido e abandono do sobrenome do pai. Esses dados, portanto, podem ser interpretados como indícios de existência de casamentos mistos na comunidade.

A análise da grafia dos sobrenomes dessas tabelas e dos prenomes dos descendentes da amostra, femininos e masculinos, por sua vez, indica a não utilização de grafemas peculiares ao idioma lituano: o grafema “c” e “z” foram usados em substituição a č e ž nos sobrenomes terminados em *vičius* e no nome *Gražina* indicando adaptação gráfica à língua portuguesa. Também houve adoção do funcionamento morfossintático da língua portuguesa, o que é perceptível pela não declinação dos sobrenomes lituanos nos nomes femininos, conforme se verifica nas tabelas 2 a e 2 b. Soma-se a isto a adoção de prenomes conforme tendências antroponímicas existentes no Brasil, como já foi citado.

De um lado, aos olhos dos lituanos, os nomes completos dos descendentes apresentam evidências de que seus portadores não são lituanos, mas sim de origem lituana: ausência dos grafemas lituanos peculiares em todos os nomes e ausência da declinação correspondente aos sobrenomes de portadoras. Do ponto de vista dos brasileiros, os sobrenomes apresentarem os sufixos listados é indício suficiente de sua origem lituana ou, ao menos, não brasileira.

Alguns membros do grupo, contudo, apresentam-se publicamente, no *Facebook*, pelo seu nome grafado à maneira lituana, como é o caso do administrador do grupo (o qual informou à pesquisadora que seu pai, também descendente de lituano, fez questão de registrá-lo com a grafia lituana no cartório) e de um neto de lituano que adotou os grafemas no seu sobrenome no seu perfil de *Facebook*: enquanto sua mãe, seu avô e seus tios paternos grafam *Staude* (conforme consta no registro de nascimento da mãe, do filho e dos documentos brasileiros dos tios segundo relatos feitos à pesquisadora),



ele optou pela grafia Štaudė, um exemplo claro de recuperação de marcas lingüísticas lituanas.

De acordo com a Semântica do Acontecimento, enquanto os nomeadores dos descendentes do grupo cujos nomes foram adaptados à língua portuguesa se inscrevem numa posição de locutor brasileiro e num espaço enunciativo da língua portuguesa, aqueles que, por iniciativa própria ou dos progenitores, têm os nomes grafados à maneira lituana se inscrevem numa posição de locutor lituano, inscrita no espaço enunciativo da língua lituana. Enquanto a primeira posição aponta para uma atitude de identificação ao lugar onde se vive, o segundo aponta para um querer para si e/ou para seu filho uma identidade lituana.

Desde janeiro de 2017, o membro bilíngue que costuma postar traduções de narrativas históricas da Lituânia, começou a postar, mensalmente, reprodução da folha do mês de um calendário de nomes escrito em lituano, originalmente publicado em São Paulo no final da década de 1930. Para cada mês do ano, há uma folha e quem são indicados os nomes dos santos católicos celebrados e alguns nomes lituanos pagãos em cada dia do mês .

Essa publicação remete ao hábito tradicional católico de nomeação pelo calendário e torna conhecidos os nomes lituanos, bem como a transliteração dos nomes que homenageiam santos católicos. Eis um exemplo claro de informação que pode resultar na expansão da entrada enciclopédica associada ao conceito de nomes lituanos por parte dos membros do grupo.

Após a publicação do calendário de fevereiro, o administrador do grupo perguntou que nomes os membros dariam a seus filhos e a suas filhas. Nas respostas, só foram citados nomes lituanos. Contraditoriamente, em março de 2017, um membro do grupo postou, com orgulho, uma foto de um nenê tataraneto de um casal de migrantes lituanos e o nome escolhido para nomeá-lo foi Arthur, justamente o nome usado no livro de lituano para estrangeiro como exemplo de nome pensado como, evidentemente, não lituano.



Esta última postagem e as duas anteriormente mencionadas indicam que, assim como há, no grupo, incentivo ao resgate da cultura e da língua lituanas, também se procura resgatar os prenomes e os hábitos de nomeação lituanos.

Conclusão

O objetivo desse artigo foi o de investigar se e em que medida houve a adaptação linguística e cultural dos hábitos de nomeação lituanos para os hábitos de nomeação brasileiros. A análise de uma amostra de nomes de descendentes de lituanos coletadas em uma das postagens do grupo de *Facebook* “Sou brasileiro e descendente de lituano” indica que, na quase totalidade dos casos, tanto na escolha dos prenomes quanto na grafia e no funcionamento morfossintático, houve adaptação total à língua portuguesa, porém para os falantes do português do Brasil, os sobrenomes lituanos, mesmo adaptados, causam certo estranhamento podendo indicar que seu portador é de origem lituana ou não brasileira. Do ponto de vista dos lituanos, contudo, a maioria dos nomes dos descendentes apresentam marcas que revelam ser seus portadores descendentes de lituanos;

Os resultados obtidos indicam que tanto prenomes quanto sobrenomes foram adaptados tendo em vista as necessidades de uso no Brasil. Mesmo assim, há casos de manutenção ou inserção posterior de marcas linguísticas lituanas nos nomes indicando um movimento de resgate por parte de alguns membros do grupo que ou adotam a grafia à maneira lituana em seus perfis ou divulgam informações sobre os prenomes e os processos tradicionais de nomeação lituanos.

Ambas as atitudes analisadas (adoção de hábitos de nomeação brasileiros e adaptação morfossintática dos nomes à língua portuguesa e manutenção ou resgate do sistema antroponímico lituano) evidenciam a importância que os nomes têm como promotores de relações identitárias e repositório da memória, da cultura e dos valores de uma sociedade.

Cumpramos ressaltar que a última atitude mencionada faz parte de um movimento maior de resgate e promoção da língua e da cultura lituanas que emerge num contexto



sociolinguístico marcado pelo fenômeno da troca linguística. É necessário pesquisar como ela ocorreu e que influência teve a inauguração de escolas bilíngues na década de 1930 nesse processo. Igualmente é preciso realizar pesquisas sobre o ensino do idioma lituano como língua adicional por parte dos descendentes e se está havendo um movimento de retorno à Lituânia. Também é desejável complementar a pesquisa realizada com outras baseadas em entrevistas a designadores que são descendentes de lituanos com designadores lituanos.

Espera-se que a presente pesquisa, se bem que limitada por seu viés qualitativo e por sua natureza exploratória, possa contribuir para o estudo da mudança antroponímica em contextos de migração em geral, e, em especial, no contexto de imigração lituana no Brasil, haja vista que não se tem notícias de estudos que integrem a questão da escolha dos nomes com as pesquisas históricas já realizadas. Também se espera que este artigo colabore para a divulgação da área da Socio-Onomástica no meio acadêmico brasileiro.

Referências

- ALDRÍN, Emilia. The choice of First Names as a Social Resource and Act of Identity among Multilingual Families in Contemporary Sweden. **Names in Multi-lingual, Multi-cultural and Multi-ethnic Contact. Proceeding of 23rd. International Congress of Onomastic Sciences.** Aug.17-22, York University, Toronto, Canada, 2008, pp.86-92.
- BELONI, Wânia Cristina; Von BORSTEL Clarice Nadir. Topônimos: enunciação e memória da identidade italiana em Cascavel, Paraná. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v.13, n.3, p.1397-1414, jul/dez, 2016.
- BREAL, Michel. **Ensaio de Semântica.** F. Aída et al.(trads.) São Paulo: Pontes/Educ, 1992 [1904], 273p.
- De FELICE. **Dizionario dei nomi italiani. Origine, etimologia, storia, diffusione e frequenza di oltre 18.000nomi.** Milão: Arnoldo Mondadori, 1986. 410p.
- DŽEŽULSKIENĖ, Judita. **Kalbu lietuviškai** : Lithuanian for beginners. Kaunas, Lit.: Kauno technologijos universitetas, 2014, 250 p.
- FRAI, Patrícia Helena. **Motivação para a escolha de um segundo nome na antroponímia rondonense.** 2016 127 f. Dissertação de Mestrado em Letras Programa de Pós Graduação em Letras, Universidade Estadual do Oeste do Paraná,



GRESPLAN, Taiana. **Antroponímia de Toledo**. Cascavel, 2013. 103 f. Dissertação de Mestrado em Letras - Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2013.

GUIMARÃES, Eduardo. **Semântica do acontecimento**. São Paulo: Pontes, 2002, 96 p.

JANSON, Tore. **História das Línguas: uma introdução**. São Paulo: Parábola, 2015, 304p.

LITUANIA. (Embassy of the Republic of Lithuania to the United Kingdom). Lithuanian Artist Birutė Nomeda Stankūnienė. Disp. em <<https://uk.mfa.lt/uk/en/news/lithuanian-artist-birute-nomeda-stankuniene-exhibits-at-sherborne-abbey>> Acesso em 16, mar. 2017.

LÓPEZ FRANCO. Yolanda Guillermina. **Le prenon: situation onomastique et attitudes socioculturelles. L'exemple d'un corpus en Languedoc**. Lille, França: Presses Universitaires du Septentrion (Tese). Doutorado em Ciências da Linguagem. Programa de Pós Graduação em Ciências da Linguagem. Atelier National de Reproduction des Thèses. Universidade Paul Valéry –Montpellier III, 2000 [defendida em 1997]. 300p.

SALLES, Maria do Rosário R. **Imigração, família e redes sociais: a experiência dos “deslocados de guerra” em São Paulo, no pós-Segunda Guerra Mundial**. Disp. em <http://www.abep.nepo.unicamp.br/site_eventos_abep/PDF/ABEP2004_586.pdf> Acesso em 19 mar, 2017.

SEIDE, Márcia Sipavicius. “Nomes de lugares: o viés enunciativo e o viés onomástico” In: **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**, v.V, Campo Grande-MS:Ed.UFMS, 2010, p.117-133.

SEIDE, Márcia Sipavicius. **A semântica de Michel Bréal:recontextualização, fortuna crítica e aplicação**. 2006. 280f. Tese de Doutorado em Letras - Programa de Pós Graduação em Filologia e Língua Portuguesa. FFLCH, USP.

SEIDE, Márcia Sipavicius. Estudio exploratorio sobre la elección del nombre próprio de persona en contextos monolingües y en contextos de inmigración internacional. **Multidisciplina**, Estado de México,v.5, n.16 set-dez, 2013c, p.116-138.

SEIDE, Márcia Sipavicius. Métodos de pesquisa em Antroponomástica. **Domínios de Lingu@gem**, Uberlândia, vol. 10 n.3, jul./set. 2016, p.1146-1171.

SEIDE, Márcia Sipavicius. Motivações contemporâneas para a escolha do antropônimo. **EntreLetras** (Online), Tocantins, v. 4, p. 90-101, 2013a

SEIDE, Márcia Sipavicius. Toponomástica e Antroponomástica: paradigmas e métodos. **Confluência**, Rio de Janeiro, v. 44/45, p. 165-184, 2013b

SEIDE, Márcia Sipavicius. Usos de antropônimos como elementos coesivos. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v. 5, n. 2,2008, p. 23-35.



Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos, Dialetológicos e Discursivos - NUPESDD
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU
ISSN: 2178-1486 • Volume 7 • Número 21 • Dez /Mar 2017

SEIDE, Márcia Sipavicius; SCHULTZ, Benilde Socreppa. “Linguagem, cognição e identidade: o estatuto dos nomes próprios”. In: **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**, v. VII, Campo Grande-MS: Ed. UFMS, 2014, p.149-165.

UNIÃO EUROPEIA. Lituânia. Disp. em < http://europa.eu/european-union/about-eu/countries/member-countries/lithuania_pt.> .Acesso em 16,mar. 2017.

Van LANGENDONCK, Willy. **Theory and typology of proper names**. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2007, 300p.

VESCOVI, Jéssica Paula. **Prenomes e sobrenomes em Palotina- PR e em Maripá-PR: um estudo comparativo**. 2015. 111f; Dissertação de Mestrado em Letras - Programa de Pós Graduação em Letras, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2015.

ZEN, Erick Reis Godilauskas. **Identidade em conflito. Os imigrantes lituanos na Argentina, Brasil e Uruguai (1920-1950)**, 184p. Tese de doutorado em História Social). Programa de Pós-Graduação em História, FFLCH, USP, 2012.

Recebido Para Publicação em 17 de janeiro de 2017.

Aprovado Para Publicação em 20 de março de 2017.